

A stylized, high-contrast illustration of a woman. She is wearing a wide-brimmed hat with the name 'H. Martins' written on it. Her face is mostly obscured by the hat, with only her lips and a small part of her nose visible. She is wearing a dress with horizontal stripes. The entire illustration is rendered in black and white with a minimalist, graphic style.

H. Martins

crônica das

MOÇAS FOGOSAS

da rua direita

Editora Penalux
Guaratinguetá, 2017



EDITORA PENALUX

Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO
França & Gorj

REVISÃO
Kyanja Lee e Karla Lima

CAPA E DIAGRAMAÇÃO
Ricardo A. O. Paixão

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

M386c MARTINS, H. 1963-
CRÔNICA DAS VIÚVAS FOGOSAS DA RUA DIREITA /
H. MARTINS. - GUARATINGUETA, SP: PENALUX, 2017.

112 p. : 21 cm.

ISBN 978-85-5833-260-6

1. CRÔNICAS I. TÍTULO

CDD.: B869.8

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura brasileira

Todos os direitos reservados.
A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

I – Telegramas de pêsames

Dois minutos antes de chegar a hora de ir, ela ainda não estava pronta. Não queria ir. Virava-se para conferir detalhes da mobília escolhida havia pouco tempo, como quem conversasse com o passado. Flertou com a gota re-tinta de sangue que pintava o canto arredondado do criado-mudo, marcando a lembrança decalcada em sua memória da súbita queda de Armando ao descer da cama, no mesmo átimo em que era empurrado pela morte rumo ao eterno – numa concomitância bíblica. “Os infartos fulminantes são terríveis”, pensava, num assombro conclusivo e ríspido que lhe demovia a coragem de fechar o zíper da mala; aparentava-lhe fechar um ciclo.

O desânimo lhe oprimia o peito com uma sensação de oco, de quem tem dor. Pior disso tudo era a constatação

de que o amor que partira não era necessariamente o amor que acabara. Sobrevinha-lhe inteiro ainda no peito e agora sem para quem, pois aquele encaixe não serviria no número de mais ninguém – senão no dele. Ainda que a morte o tivesse ouvido quanto à forma com que queria ser levado – como um passarinho –, restava-lhe o sentimento de que fora precipitada demais aquela injunção; “afinal, quando o dizia era em tom de brincadeira, ela não precisaria ter levado isso a sério”, pensava. Ele, de fato, se sentia jovem para aquele tipo de estranheza comum – a de morrer.

Ela colocou os telegramas de pêsames, presos por uma liga Mercur – de prender dinheiro –, dentro da mala. Para a secura de suas lágrimas esgotadas naquele luto, agora adernadas para sua alma, pingou colírio. Pôs o Ray-Ban dele para esconder as olheiras e sentir afeto nos olhos.

Ava não podia acreditar que viveria dali para diante referindo-se ao horizonte como uma dessas que cosem a saudade, tramada em pontos cruzados de uma malha qualquer, que deixam de lado vez ou outra nalgum canto do sofá – insofismável teia inacabada –, para outra vez tricotá-la, repetindo para sempre o hábito silencioso das lágrimas após a lembrança. Vira isso em sua avó Cristina e com sua mãe Isabel. Vira também em sua bisa Theodolina. E agora via em si essa possibilidade.

O táxi já a esperava lá fora; o avião não a esperaria e disso ela sabia.

Seu único caminho era aquele de ir de volta a Brasília, recomeçar de onde parara desde que se mudara para Resende acompanhando Armando, que conhecera ainda nos tempos em que cursava Jornalismo na Universidade de Brasília enquanto ele terminava Medicina.

Voltaria para a casa de sua mãe e de sua avó, as viúvas que a criaram com vista paradoxal ao rigor materno que produz almas femininas ambíguas ou inseguras; afastando-a sempre do esperado recato – próprio do meio em que viviam – para lançá-la ao mundo como ele se mostrava em cada fase de seu crescimento. Feito filha de mulheres da vida.

Elas fizeram de seus amores mortos paradigmas esculturais, dos quais pareciam não intencionar largar depois que estes se foram precocemente; como cedo se fora o amor de Ava. Ainda que não andassem de negro, andavam enlutadas pela lembrança eterna de seus maridos – não um luto atroz, mas saudoso. Tiveram com eles amores avançados, intensos e cruelmente efêmeros – atemporais. Inesquecíveis, portanto. Insubstituíveis até então. E mesmo que de fato tudo remontasse ao cenário de uma tristeza sem fim, não era assim que ocorria. Havia alegria pela vida, pela lembrança miúda impressa em detalhes físicos, quase metafísicos. Havia também, não obstante, tristeza e saudade. Humanidade. Branco e preto.

Cristina tem sessenta e sete. Mantém-se com as mesmas características físicas familiares, excetuando-se o peso, pois os anos lhe ofertaram vinte quilos a mais que

na juventude. Aviltou-se não mais que uma vez tentando alguém, afinal enviudara muito cedo, na primavera de seu vigésimo sexto ano. Metia medo nos homens pela postura perspicaz, ativa e independente – era uma feminista –, mas muito envolvente. Trouxera consigo ideias novas de quando vivera com Chico, que pesquisava vinhedos nas bandas da Califórnia, no Napa Valley. Casaram-se somente quando souberam de Isabel, que é estadunidense.

Isabel, com quarenta e sete, aparenta pouco mais de trinta, cortejada pela juventude, que não esconde dela seus viços. Ela é dessas que pensam coisas que se leem nos livros, mas também vive de cuidados consigo; com roupas e com a pertinência do corpo – em geral firmemente vigiado e assistido por disciplina de exercícios, bons alimentos e dieta ortomolecular, além de outros arranjos estéticos artificiais e cirúrgicos que lhe caíram muito bem até aqui. Tem uns desejos e frêmitos indisfarçáveis de pôr um homem bom a seu lado. Ou belo. Ou ambos. Mas isso sempre passa. E os tem quando busca ou quando é buscada, mas não os retém por não os querer depois de vê-los jogados a seus pés com sentimentos bizarros ou óbvios. “Santa pieguice”, esbravejou algumas vezes sua beleza incomum, contra a loucura dos comuns que a desejaram assim: de “mamando a caducando”. Ficou viúva aos vinte e sete de um economista do Senado.

Theodolina tem oitenta e sete e olhos tão verdes que chegam a ser estranhos. Não menos intrigante, conhecia-se

desde menina com os dedos, num tempo em que era pecado conhecer-se assim – jamais confessara isso ao padre ou às amigas. Sondava-se todos os dias e gostava daquilo. E o fizera até esvanecer seus desejos, substituídos pelos traquejos de avó e de doceira. Coube-lhe escolher o marido, e não ser atribuída como objeto de escolha, quando também isso era incomum. Por sorte, ele não se importou com seus gozos exagerados, ornamentados por gritos de mulher vadia ou possessa. Ainda que fosse tomado por uma linha moral ilibada e sisuda, por trás de seus bigodes em arcos e do ar altivo de desembargador na nova capital goiana, no escuro da casa grande, atrás do Palácio das Esmeraldas, aceitava que ela o tocasse como não era lícito a uma mulher de bem tocar o marido. Ele urrava como uma onça pintada. Depois tomava um licor de jabuticaba, fumava um charuto e morria de enfarto aos quarenta e cinco, deixando a bela viúva de vinte e um saudosa de seus cabelos grisalhos e à mercê dos dedinhos finos e arteiros, que nunca a abandonaram no frescor da juventude longa e solitária, dedicada apenas à Cristina, que tinha um ano naquele verão. Fez opção por mais ninguém depois dele.

Elas vivem na Asa Sul (exceto Theodolina). Fazem doces com açúcares normais, tomam vinhos e licores, leem livros, lecionam no Marista e acumulam as pensões dos ditos-cujos (o desembargador, o professor universitário e o assessor do Senado – nessa ordem cronológica). Traduzem textos para escritórios e autores

que as procuram – para aumentar o gordo orçamento – e compram roupas, muitas roupas lindas e modernas; além de viajarem muito. Fazem coisas juntas e são fisicamente muito parecidas – instigantes todas elas.

Já Theodolina mora em Meia Ponte, na Rua Direita, para onde voltou após a morte do desembargador Pio Ivo, para assumir a Fazenda Grande, o armazém e os laudêmos pertencentes a seu pai Eustáquio, que se mudara naquele ano com Rita – sua babá – para Vila de Santana das Antas, para assumir seu tronco no espólio de Antunes Veiga, avô de seu pai. Ela vive numa casa colonial branca de muitas janelas azuis, construída por seu bisavô Antunes no século XIX, que mantém bem conservada. Vai pouco a Brasília, não obstante ser dela o apartamento da Asa Sul, que comprou em 68 para agasalhar a filha hippie, o professor e a netinha estrangeira.

Ava entregou uma chave de sua estranha casa vazia de amor ao porteiro de sua confiança no condomínio em Resende (para mostrá-la quando o corretor a solicitasse); também entregou a do carro, para mostrá-lo aos interessados. A outra ficou com as duas assessoras do site, até segunda ordem. Entrou no táxi e voou para a Asa Sul. Deitada em sua antiga cama, olhou o teto, sentindo o suave cheiro de camomila vindo do travesseiro que sua avó lhe preparara para acalmar o sono. Sentindo-se em casa e em paz pela primeira vez desde que Armando se fora, dormiu.

II – Noir

No caso de Armando, a pane se dera por genética ruim, somada ao cigarro e à vida estressada no pequeno hospital que herdara da família, que o obrigava a fazer para além de suas possibilidades, pois mantinha com orgulho o jaez familiar de não reconhecer limites. Seu pai morrera do mesmo mal. Eles tinham o mesmo biótipo – eram altos, brancos e acima do peso. E escapavam da fadiga usando pó como recurso último ao extremo cansaço.

Não dormia tanto quanto necessário e, quando em casa, agitado, com insônia, incomodava Ava buscando-a na intercorrência do falso sono. Ele, com pouco mais de trinta, e ela, com pouco menos, eram de tal forma cúmplices que até incomodavam os razoáveis que os cercavam – os amigos –, por conta da maneira não convencional em



www.editorapenalux.com.br



penaluxeditora@gmail.com.br



[/editorapenalux](https://www.facebook.com/editorapenalux)